

致我们单纯的小美好

UM
AMOR
LINDO
DEMAIS

ZHAO QIANQIAN



致我们单纯的小美好

UM
AMOR
LINDO
DEMAIS



Tradução de Peggy Yu e Verena Veludo

ZHAO QIANQIAN

Copyright © Zhao Qianqian (赵乾乾), 2015

Todos os direitos reservados.

Copyright da tradução © 2024, Editora Intrínseca Ltda.

Esta edição foi publicada mediante acordo com a Memory Book, em associação com The Grayhawk Agency Ltd., por intermédio da Agência Literária Riff Ltda.

Ilustrações de capa utilizadas mediante acordo com 2018 HYEONAMSA PUBLISHING Co., Ltd., Coreia

TÍTULO ORIGINAL

致我们单纯的小美好

COPIDESQUE

Amilton Reis

REVISÃO

Rayana Faria

Thaís Lima

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

Hwang Subin

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO

Larissa Fernandez e Letícia Fernandez

E-ISBN

978-85-510-1414-1

Edição digital 2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)

Sumário

[[Avançar para o início do texto](#)]

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Prefácio: Eu acredito no que você não acredita](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Epílogo](#)

[EXTRAS](#)

[O primeiro encontro](#)

[Infância e juventude](#)

[A universidade](#)

[Os dias que passaram separados](#)

[O reencontro](#)

[O amor de Jiang Chen](#)

[O recital de piano de Jiang Chen](#)

[Recém-casados](#)

[O álbum de casamento](#)

[A vida de casados](#)

[Pai e mãe](#)

[Sobre a autora](#)

Prefácio:

Eu acredito no que você não acredita

Eu acredito no que você não acredita.

Me ocorreu agora que mais de uma pessoa me disse que o enredo do meu romance “não tem altos e baixos que cativam as pessoas”.

Como me considero uma pessoa bem humilde e de cabeça aberta, eu deveria responder com educação que não mereço tal crítica sobre o *meu romance*; aliás, não sei que diabos vou escrever no futuro, mas, até agora, de fato, o que escrevo não tem muito clímax. Nem aborto, nem suicídio, nem assassinato, nem incesto, nem mesmo traição ou grandes mentiras. Enfim, não tem nenhum elemento provocante de que o mercado precisa, porque meus amigos são gente fina e porque eu sempre vejo o lado positivo do ser humano, mesmo de personagens fictícias. Assim, minha cabeça imatura influenciou diretamente minha escrita: o enredo é realmente cozido a fogo bem brando.

Meu gosto forte transparece apenas nos romances que leio de outras pessoas, na comida apimentada e no chá concentrado.

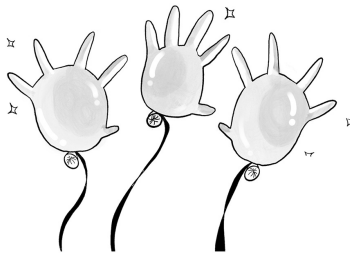
Sempre fui do tipo que acredita. Acredito na existência de um amor inocente, uma relação linda, mesmo sem muitas dificuldades e altos e baixos que a ponham à prova.

Se você também acredita, muito obrigada.

Se você não acredita, eu acredito.

E para você, que abriu estas páginas: desejo que encontre aqui uma história simples e formidável.

Zhao Qianqian



Capítulo I

O sr. Chen, vulgo meu pai, se aposentou formalmente em fevereiro. Aconteceu que o Clube da Terceira Idade da cidade abriu as inscrições para novos associados. Como esse senhor de idade que trabalhara a vida inteira não conseguiu ficar parado em casa sequer por quinze dias, ele foi lá se inscrever. Ao chegar no clube, descobriu que seus cinquenta e poucos anos de idade não eram nada perto de um grupo de idosos cuja média de idade era de setenta anos. Pelo contrário, ele era considerado pelo clube um jovem dotado de espírito de liderança. Assim, o entusiasmo que o sr. Chen havia perdido ganhou novo fôlego. Todos os dias, ele ia de bicicleta ao clube organizar as atividades de entretenimento dos colegas mais velhos, para fazer do entusiasmo uma paixão que animasse os dias de aposentadoria.

Contudo, antes que a paixão pudesse animar qualquer dia, a vida lhe deu um golpe. Meu pai pisou em falso enquanto subia em um banquinho para pendurar a faixa de um evento e caiu com tudo.

Assim que minha mãe me ligou, eu estava olhando para um outdoor na rua. Entrei em pânico com a notícia e comecei a sentir calafrios, apesar do calor. Embora meu pai me castigasse sempre quando eu era criança, e ainda que eu já tivesse pensado em me vingar dele quando crescesse, eu o amava muito.

Assim, no caminho para o hospital, eu chorava e falava sem parar para o motorista do táxi como meu pai fora um amor comigo. Minhas palavras tocaram tanto o coração daquele taxista enorme e forte que ele passou o

trajeto inteiro com o pé enfiado no acelerador, agitadíssimo. Na hora de pagar, arredondou o valor para baixo por iniciativa própria e comentou:

— Ei, moça, me faz um favor? Anote a placa do meu carro e, pelo amor de Deus, não me pare mais na rua. Minha mãe e minha mulher tagarelam o dia inteiro em casa, fico todo me tremendo quando uma pessoa não para de falar. Me perdoe, viu? Desejo melhoras ao seu pai.

— ...

*

Quando cheguei ao hospital, chorando, minha mãe estava brigando com meu pai enquanto descascava uma maçã.

— Não quero saber se você é ou não o espírito de liderança do clube. Não tem noção de que já está velho? Se você cair de novo, vou mandar te cremarem direto. Daí você vira espírito de verdade.

Com os olhos marejados, me apoiei no batente da porta e perguntei:

— Mãe, como o pai está?

Minha mãe ergueu a cabeça e olhou para mim.

— Já pode parar com isso! Faça o favor de enxugar essa lágrima aí. Está chorando por quê? Não criei você para ficar chorando por tudo o que acontece.

Sequei as lágrimas e fui até meu pai, o velho que vinha sendo reprimido por tanto tempo em casa.

— Como está se sentindo, pai?

— Nada bem. Sua mãe já descascou três maçãs, mas não me deu nenhuma para comer... — respondeu ele, de olho na fruta que minha mãe segurava.

Percebi que não ia conseguir tirar nada dos dois, então peguei a garrafa térmica e disse:

— Vou encher de água quente.

Saí correndo para o balcão de informações, ignorando completamente minha mãe, que ficou gritando às minhas costas:

— Sua pirralha! A garrafa já está cheia!

Eu devo ter chegado ao balcão com uma expressão muito assustadora, porque a enfermeira logo conseguiu um médico para falar comigo. Com as feições impassíveis, ele me descreveu o caso e explicou que meu pai machucara a lombar no tombo, e que a coluna estava pinçando os nervos. Enfim, ele tinha que fazer uma cirurgia, e era para eu separar trinta mil yuans. Perguntei mais alguns detalhes, mas ele me olhou de relance e retrucou:

— Você não vai me entender. De qualquer forma, você só precisa se preocupar com o dinheiro, o resto pode deixar com os médicos.

— E quando vai ser a cirurgia? — perguntei de novo.

— Entre na fila! Quando chegar a vez dele, vamos fazer — respondeu, impaciente.

Minha vontade era de cuspir com força na cara daquele médico e depois me desculpar dizendo que eu tinha tuberculose. Mas eu não podia fazer aquilo. Então apenas peguei algumas notas de cem yuans do bolso e enfiei delicadamente o dinheiro nas mãos do homem.

— Se é assim, doutor... Será que o senhor não poderia dar uma atenção especial...

Ele me encarou e empurrou o dinheiro de volta para mim.

— Que é isso?! Eu entendo como a família se sente nessas horas, mas isso é ilegal! Se realmente não consegue ficar tranquila, posso tirar um tempo para lhe explicar os detalhes.

Fiquei morrendo de vergonha. Como pude pensar em corromper a ética de um profissional de saúde? Ele era só um médico que tinha nascido mal-humorado... Enquanto eu me condenava e analisava seriamente meu caráter, o médico virou as costas para ir embora, mas, antes, fez um aceno com a cabeça e me lançou um olhar peculiar. Fiquei matutando muito sobre aquilo, se ele havia tido uma câibra ou se tinha outra intenção. No fim, resolvi imitá-lo e repeti o mesmo aceno. Havia entendido tudo — tinha uma câmera instalada na parede...

Eu já ia perguntar à enfermeira onde era a sala daquele médico, mas meu celular tocou. Quando vi quem estava ligando, meu coração começou a bater tão acelerado, mas tão acelerado, que a sensação era como se eu

pisasse com tudo no acelerador de um carro numa descida — o que quase me fez agendar uma consulta com um cardiologista.

Era Jiang Chen, meu ex-namorado.

— Alô? — atendi, educada, mas trêmula.

Do outro lado, só escutei barulhos incompreensíveis. Insisti mais algumas vezes e cheguei à conclusão de que ele havia me ligado acidentalmente. Quando eu estava prestes a desligar, porém, ouvi a voz meiga de uma mulher.

— Doutor... Estou com dor no peito...

Ela me fez lembrar que Jiang Chen se tornara médico, e eu também tinha ouvido dizer que ele ficara conhecido. Desliguei a chamada e fiquei refletindo muito tempo sobre o que poderia fazer. Por fim, decidi que, em vez de permanecer naquele hospital e testemunhar a corrupção médica, era melhor transferir meu pai para o hospital onde Jiang Chen estava trabalhando. De todo jeito, ele tinha que me retribuir de alguma forma, já que na época eu devia ter descascado mais de mil ovos cozidos em chá para ele comer.

Voltei ao quarto e contei para minha mãe da minha decisão.

— Jiang Chen é aquele menino com quem você namorou uma época? — perguntou minha mãe.

Hum... Mãe, como a senhora é delicada para falar do passado...

— Se a gente transferir seu pai para o hospital onde ele está trabalhando, ele vai ajudar a gente mesmo? Quer dizer, ainda tem alguma coisa entre vocês? — questionou.

Que pergunta mais cirúrgica.

— Ele com certeza vai ajudar a gente, só que assim... — respondi, receosa.

— Assim o quê?

— Assim... Se a gente for, vai ficar parecendo que não consegui cortar direito nossa relação e vai virar uma bagunça só.

Minha mãe torceu o nariz.

— Me poupe dessa bobagem toda. Se não conseguir cortar direito, que jogue tudo fora. Ligue agora para ele, vamos transferir seu pai amanhã. Não

aguento mais os médicos daqui.

Na verdade, eu estava esperando que minha mãe me dissesse, com todo o amor e carinho, que eu deveria manter o orgulho da família, não pedir favor a um ex-namorado e tudo o mais. No entanto, como eu já esperava, eu a tinha superestimado.

*

Jiang Chen não demonstrou surpresa quando atendeu minha ligação. Acho que porque todos os médicos são assim mesmo, já viram de tudo. Se os cadáveres e as vísceras não o assustavam, não seria eu, sua ex-namorada, que faria isso.

Gaguejando, eu lhe contei todo o ocorrido, e no fim perguntei:

— Posso transferir meu pai para o seu hospital?

— Sim — respondeu ele, tão prontamente que fiquei com vergonha de ter pensado em usar o fato de eu haver descascado ovos cozidos para ele como desculpa para conseguir o favor. — Deixa tudo pronto, já vou achar uma ambulância para trazer seu pai para cá — completou.

Depois, ele permaneceu alguns instantes em silêncio.

— Tudo bem com você? — indagou.

— Tudo.

*

Três horas depois, Jiang Chen apareceu na minha frente de ambulância, com a sirene a toda. Apesar de termos ficado três anos sem nos ver, não tive sequer coragem de erguer a cabeça para encará-lo. Apenas cravei meu olhar na caneta-tinteiro, provavelmente caríssima, que estava no bolso de seu casaco, me perguntando se ele já tinha aprendido a escrever com letra de médico.

Quando estávamos na faculdade, sempre me preocupei muito com a caligrafia impecável de Jiang Chen, porque eu tinha medo de ele não conseguir estabelecer uma reputação no mundo dos médicos com aquela

letra bonita. Na época, eu o obrigava a imitar minha caligrafia para treinar escrever de uma forma que o poupasse da reponsabilidade de porventura prescrever uma receita errada. Infelizmente, no fim das contas, ele nunca conseguiu assimilar o meu jeito de escrever.

Como Jiang Chen resolveu tomar conta sozinho de todo o procedimento de transferência e internação no novo hospital, eu e minha mãe acabamos tão entediadas que resolvemos jogar conversa fora. Ficamos agachadas na entrada do hospital, comendo maçã.

— Que bom que cuidei desse menino quando ele era criança. Veja só como é bonzinho agora — comentou ela.

Ignorei a falta de noção da minha mãe por ter atribuído a si mesma o sucesso de Jiang Chen.

— Como é que você conseguiu perder esse partidão naquela época? — quis saber ela. — Já não estavam quase juntos de vez?

Mordi bem forte a maçã, fazendo barulho.

— O pai deve estar entediado na ambulância. Vai lá comer maçã na frente dele.

Ela soltou um longo suspiro e se apressou em direção à ambulância. Enquanto corria, ela gritava:

— Ó, sua filha me pediu para vir comer maçã na sua frente.

Jiang Chen presenciou a cena ao sair do hospital, a papelada na mão. Olhou para mim, rindo.

— Que filha exemplar você é, hein?

Levantei a cabeça e devolvi o olhar. Ele estava me encarando do alto, o corpo meio inclinado. A luz suave do dia passava entre as pontas de seu cabelo, e ele sorriu para mim com a maior naturalidade, fazendo sua covinha charmosa aparecer na bochecha esquerda, como se tivéssemos saído no dia anterior para jantar e ver um filme.

Desviei o olhar, já que aquela covinha bonita tinha sido a origem de todo o mal. Na época, meu coraçãozinho ingênuo se viu perdidamente apaixonado por ela, embora eu entenda que, pensando nisso agora, o que aconteceu mesmo foi que caí na armadilha daquela “cova”.

*

Em minhas memórias, a existência de Jiang Chen sempre fora uma constante, tão óbvia quanto a do poste na entrada da travessa. Ele morava no prédio em frente ao meu. Além de ser filho do prefeito, era também representante de turma. Era bonito, sabia tocar piano e escrever caligrafia com o pincel, tirava boas notas e falava mandarim com um sotaque lindo.

Tanto nas novelas quanto nos livros de romance, o casal que vive próximo desde pequeno costuma ser definido como “amor de infância”. E, geralmente, se encaixa em uma das seguintes categorias: os que se adoram ou os que vivem brigando. Na primeira se encontram aqueles que parecem quase irmãos: estão sempre juntos, tanto em momentos de alegria quanto de tristeza, e, ao crescerem, descobrem que a amizade foi se transformando aos poucos em amor. Já na segunda estão aqueles que se comportam como inimigos: brigam o tempo todo, em tudo quanto é canto, e aí, quando ficam adultos, percebem de repente que aquilo era amor.

Infelizmente, eu e Jiang Chen não nos encaixávamos em nenhuma dessas descrições. Ao longo dos anos, sempre fomos meramente vizinhos de prédio. Todos os dias, ele tocava piano e eu assistia ao desenho japonês *Chibi Maruko-chan*. De vez em quando, se eu me esquecia do que tínhamos de lição, eu ia ao prédio de Jiang Chen e lhe perguntava. Ele sempre me questionava, impaciente, o porquê de eu mesma não ter anotado no caderno a lição de casa. Talvez porque eu estivesse pedindo um favor, nunca reclamei de sua irritação. Mas é claro que talvez aquela postura tenha a ver com minha própria personalidade — desde criança, eu já não gostava de ficar brigando com as pessoas. Sou uma pessoa calma, com um toque de sublimidade.

*

Durante as férias de verão do segundo para o terceiro ano do ensino médio, minha turma organizou um piquenique, mas não contamos para o nosso

professor. E pediram para mim e para Jiang Chen lavarmos as quarenta e quatro batatas-doces que haviam comprado para os quarenta alunos da sala.

Ele só lavou quatro delas e ficou fazendo pedras quicarem na água do lago, enquanto eu lavava as que tinham sobrado, agachada à beira da água e tentando conter a raiva. Eu fui ficando irritada à medida que o tempo passava, até que uma pedrinha passou quicando na superfície do lago na minha frente e fez respingar água no meu rosto. Ergui logo a cabeça. Jiang Chen, por sua vez, continuou com aquela brincadeira, como se nada tivesse acontecido. A pedra saltou quatro vezes no lago, fazendo ondulações circulares de tamanhos diferentes se encontrarem e desaparecerem na água.

Teoricamente, eu deveria ter brigado com Jiang Chen, jogado água nele, pressionado sua cabeça na água, ou, então, tê-lo afogado direto no lago. Mas não fiz nada disso.

Pelo contrário: fiquei babando naquela cena.

A brisa balançava o uniforme ligeiramente grande de Jiang Chen e o sol lançava uma luz dourada em seus cílios e nas pontas do cabelo. Ele estava com um leve sorriso, todo orgulhoso de si, o que fez aquela covinha aparecer no lado esquerdo do rosto.

O tempo e o espaço congelaram naquele momento. Tudo o que restou foi o tum-tum do meu coração.

*

Depois das férias, entramos no corridíssimo terceiro ano. Eu sempre fui alguém que sabia priorizar assuntos importantes em detrimento de trivialidades, então deixei de lado a paixão por Jiang Chen. Aliás, como a série *Jardim de Meteoros* estava na moda, mudei e me apaixonei por Jerry Yan.

O evento que fez o lema “preciso gostar de Jiang Chen” se tornar o objetivo da minha vida aconteceu apenas seis meses depois. Na noite anterior ao nosso simulado, eu saí correndo de casa, enquanto minha mãe brigava comigo e gritava “Como posso ter criado uma filha tão estabanada e

lerda como você!”, e fui à livraria Xueyou para comprar um lápis 2B. Eu precisava dele para preencher o cartão de respostas no dia seguinte.

Apesar de ser uma livraria, a Xueyou tinha de tudo: desde livros e itens de papelaria até adesivos e brinquedos. Enfim, vendia qualquer coisa que estivesse na moda entre os estudantes. Depois que cresci e conheci melhor como o mundo funcionava, descobri que Xueyou, “Amigo dos Estudantes”, sempre fora o nome preferido das livrarias e papelarias de qualquer tamanho que não fossem de nenhuma rede. Não tenho certeza se o nome realmente fazia os estudantes sentirem simpatia pela loja ou se os donos tinham preguiça de pensar numa coisa mais criativa.

Ao entrar na loja, peguei um punhado de lápis 2B. Peguei mais de um porque a técnica de correção das provas por computador tinha acabado de ser lançada na época, e eu sentia que o preço dos lápis 2B certamente aumentaria no futuro. Logo, a conclusão a que eu cheguei foi de que deveria estocá-los. Mais tarde, comprovou-se que houve mesmo um aumento no preço do lápis, embora não mais que um yuan, porém foram lançados no mercado novos lápis específicos para preencher o cartão de respostas. Enquanto todos já estavam usando lapiseira com grafite 2B, a pobre de mim ainda usava o estilete para apontar o lápis.

Realmente, os profetas são sempre solitários.

Quando eu estava para pagar aquele punhado de lápis no caixa, Jiang Chen entrou na loja. Provavelmente por causa de algum hormônio esquisito da puberdade que fazia os adolescentes quererem observar os outros às escondidas, peguei intuitivamente um livro da prateleira para tampar meu rosto e fiquei à espreita.

Assim que entrou, ele rapidamente se dirigiu ao caixa. Ao ver que era Jiang Chen, a dona da livraria abriu um sorriso e apanhou uma pilha de livros debaixo do balcão.

— Aqui está a edição de colecionador dos *Quatro grandes romances clássicos*, com a capa bordada. Fui à cidade especialmente para comprar esses livros.

— Muito obrigado, senhora! — Jiang Chen agradeceu, sorrindo. — Quanto ficou a coleção?

— Oitocentos e cinquenta e três yuans, mas pode me dar só oitocentos e cinquenta. — Ela pegou o dinheiro dele. — Eu nem estou cobrando frete de você, hein!

— Muito obrigado, senhora! — disse ele novamente, ainda com um sorriso.

Naquela época, nós pagávamos duzentos yuans por semestre para a escola como taxa de matrícula, e Jiang Chen gastou de uma vez o valor de dois anos de estudos, ou seja, de quatro semestres, para comprar quatro míseros livros. Para mim, era melhor ter gastado aquela fortuna em... em... Bom, na verdade, nem eu sabia o que era melhor ter feito com aqueles oitocentos e pouco. Naquela idade, eu nunca tinha visto tanto dinheiro, então não entendi o porquê de ele ter feito aquilo.

Certo dia, me contaram uma piada.

“Era uma vez um repórter que perguntou a uma senhorinha que morava nas montanhas:

— O que faria se eu desse para a senhora cem mil yuans?

— Comería panqueca de legumes todos os dias.

— E se desse duzentos mil yuans?

— Comería panqueca de carne todos os dias.

— E se desse um milhão de yuans?

— Comería panqueca de legumes e de carne todos os dias.”

Eu me sentia igual a essa senhora da piada.

De repente, uma criança que surgiu do nada puxou uma das pernas da calça de Jiang Chen, chamando sua atenção.

— Moço, moço.

Jiang Chen se agachou e fez carinho na cabeça da criança.

— Você é menino ou menina? — perguntou, piscando.

— Menino — respondeu a criança, séria, enquanto chupava o dedo mindinho.

— Nah! Eu não gosto de meninos — retrucou Jiang Chen.

Enquanto ia se levantando, a criança puxou a roupa dele de novo e disse:

— Eu sou menina!

Jiang Chen riu.

— Ah! Quer dizer que você é menina? Por que me chamou?

A criança tirou do bolso grande de sua jardineira uma caixa de lápis de cor e duas notas bem enrugadas de um yuan, e as levantou para mostrar a Jiang Chen que ela não conseguia alcançar o balcão.

— Eu quero comprar isso.

Jiang Chen pegou a caixa, levantou-se e entregou à dona da loja.

— Senhora, quanto é?

— Quarenta yuans.

Ele pagou a caixa de lápis de cor, agachou-se de novo, fez carinho na cabeça da criança e disse:

— Toma seu lápis de cor.

— Obrigada, moço! — Ela aceitou a caixa de volta, com um grande sorriso no rosto.

Jiang Chen respondeu “de nada”, e, assim que foi se levantando, a criança puxou de novo a barra da calça dele, o que o fez se abaixar mais uma vez. A menininha abriu, toda desajeitada, a caixa de lápis de cor, escolheu o rosa e afirmou:

— Desenhar com esse é bonito.

— Mas eu não sei desenhar — retrucou Jiang Chen, rindo. — Pode ficar com você, para fazer os desenhos.

Ela balançou a cabeça, apontou para os livros nas mãos dele.

— Não você, eu.

Jiang Chen ficou alguns segundos meio confuso, mas logo abriu um grande sorriso. Retirou o *Romance dos Três Reinos* da coleção e entregou para a criança. Com o livro em mãos, ela se sentou no chão, abaixou a cabeça e se concentrou para desenhar alguma coisa nele, murmurando umas palavras. Finalmente, bateu as mãozinhas e disse:

— Prontinho.

Eu fiquei na ponta dos pés, ergui a cabeça e dei uma espiada. O desenho parecia um coelho, mas se analisasse os detalhes estava mais para um cachorro, cujo espírito revelava que na verdade era um tigre.

Jiang Chen pegou o desenho.

— É muito bonito esse cachorro que você fez. Muito obrigado! —
elogiou, de coração.

— É um gato — respondeu a criança, piscando aquele par de olhos bem redondinhos.

Surpreendido, ele riu e se corrigiu:

— Ah, então é um gato.

Ao olhar para a covinha dele, que me pareceu ainda mais profunda, fiquei com vontade de cutucá-la.

E foi assim, aquela sensação de que tanto falam, de se ver maravilhado por algo deslumbrante, de ser cativado em segundos.

A escritora e roteirista Lilian Lee disse certa vez: “Aquela maravilha que se experimentava na juventude era nada mais, nada menos que imagens criadas pela ingenuidade.” Mas eu discordo. A partir dali, minha cabeça não parou de dar cor àqueles episódios que fizeram meu coração bater mais forte. Como na pós-edição de um vídeo, eu ajustava internamente os ângulos daquelas cenas, adicionava os efeitos de luz, colocava trilha sonora...

*

— Vai ficar quanto tempo agachada na porta do hospital?

— Quê?

Fiquei por um momento meio perdida com aquela interrupção à pós-edição costumeira que estava fazendo na minha cabeça. Quando voltei a mim e vi que era Jiang Chen, com a expressão um pouco impaciente, repeti:

— Quê?

— Levanta daí.

Ele esticou a mão e me puxou, e fomos andando em direção à ambulância de mãos dadas. Fiquei com vontade de lhe perguntar se ele tinha se esquecido de soltar minha mão, ou se estava meio abatido, por isso suave tanto...

Quando subimos na ambulância, tanto o motorista quanto minha mãe simultaneamente adotaram uma expressão como se tivessem nos flagrado

na cama. Sem graça, revirei os olhos e fitei Jiang Chen de esguelha, meio apreensiva. Ele agiu normalmente, como se não estivesse acontecendo nada de mais, e se sentou ao meu lado.

— Li, pode dirigir.

Em seguida, virou-se para minha mãe.

— Tia, já conversei com minha colega ortopedista. Quando chegarmos ao hospital, vamos fazer de novo a radiografia. Se não tiver nenhum impeditivo, a cirurgia vai ser hoje de tarde mesmo. A senhora pode ficar tranquila, minha colega é uma das melhores profissionais da área.

Minha mãe logo assentiu e abriu um sorriso, como uma mãe amorosa falando com o próprio filho.

— Me desculpe por todo esse trabalho.

— Não é trabalho algum. Não estou fazendo mais do que minha obrigação — garantiu Jiang Chen, sorrindo como um bom filho respondendo a própria mãe.

— Como vocês são barulhentos! — gritou meu pai de repente.

Ele estava irritado desde que fora informado de que seria transferido para outro hospital com a ajuda de Jiang Chen. Assim que minha mãe foi para outro canto, ele começou a brigar comigo. Para resumir o sermão, tudo que ele disse tinha a ver com apenas uma palavra: orgulho. Para meu pai, eu deveria ter me mantido o mais distante possível do meu ex, por causa do jeito como a mãe de Jiang Chen me tratara na época. Ou melhor ainda: cuspir na cara de Jiang Chen para expressar meu desprezo. Mas não — eu não só não fiz nada daquilo, como também estava aceitando um favor dele.

*

Eu tinha me formado em arte e design três anos antes. Como Jiang Chen decidira emendar a graduação com o mestrado, teve que ficar sete anos na faculdade. Por conta de seu bom desempenho, começara a fazer estágios em áreas diferentes do hospital universitário já no quarto ano.

Naquela época, Jiang Chen era extremamente bonzinho comigo. Assim que tinha me visto com o diploma na mão, me pediu em casamento. Claro, a

pressa veio principalmente das histórias que eu inventava para assustá-lo, enquanto ele se via ocupadíssimo nos estágios. Eu forjava uns homens de alta sociedade: o supervisor que abria a porta diariamente para mim (na verdade, era o segurança da empresa onde eu trabalhava que abria a porta, porque eu vivia me esquecendo do cartão de acesso); o gerente que sempre me presenteava com flores (na verdade, o dono de uma floricultura do andar de baixo do prédio, que me “presenteava” toda vez que eu fazia horas extras e voltava bem tarde para casa, e o encontrava jogando fora as flores danificadas que não tinha conseguido vender no dia); o cliente que me pagou o ingresso para um filme (realmente um cliente meu, e eu de fato fui ao cinema, porém com a condição de fazer uns textos publicitários de graça para ele); e assim por diante. Enfim, para fazer minhas criações artísticas, eu de fato precisava de uns arquétipos.

E quando Jiang Chen soube que eu era tão popular, ele ficou ansioso. Explicou que não poderia me perder para outros homens, senão o esforço que fizera para me entregar o café da manhã todo santo dia, por quatro anos de faculdade, teria sido em vão; por isso, era melhor me pedir logo em casamento.

Aceitei me casar com ele sem sentir um pingão de vergonha. Minha intenção era bem simples: se o curso de medicina de nossa universidade era o melhor do país, e Jiang Chen recebia bolsa todos os anos, ele era certamente um diamante bruto. Por isso, eu precisava consegui-lo o mais rápido possível. Quando se tornasse um diamante de verdade, eu seria automaticamente reconhecida como a mulher que dividira as dificuldades com ele. E se ele ousasse se separar de mim, eu não pensaria duas vezes antes de ficar com metade de seu patrimônio.

Claro, eu tinha na verdade outra intenção ainda mais simples: o fato de que eu o amava muito e tinha medo de perdê-lo. Certa vez, fui encontrá-lo no hospital em que ele fazia estágio e vi que, em apenas uma hora, três pacientes haviam deixado os cartões de visita com ele, sendo que um deles ainda era um homem. A sociedade é ameaçadora demais, em especial quando o charme de Jiang Chen atraía tanto homens quanto mulheres.

Como eu estava muito viciada em novelas e livros de romance, achava que meu relacionamento fosse invencível. A mãe de Jiang Chen, porém, me fez perceber que, uma vez perturbado, esse romance se desmancharia.

Numa bela tarde ensolarada, minha ex-sogra visitou minha mãe ao meio-dia. Como dona de casa profissional, o status da minha mãe em casa poderia ser equiparável ao da imperatriz Wu, a única mulher a ocupar o trono imperial na história da China. Mesmo assim, aquele encontro me fez ver pela primeira vez minha mãe, forte e brava, se comportar de uma maneira tão sem jeito e submissa. Para ser justa, a mãe de Jiang Chen não falou nada que tivesse ultrapassado o limite, tampouco havia me entregado um cheque em branco para eu me separar de seu filho. Ela apenas ficou discutindo com minha mãe os costumes tradicionais do casamento, meio distante. Mas ela agia de uma forma que fazia parecer que, como integrante da alta sociedade, estaria se rebaixando ao conversar com a minha família, o que botou minha mãe aflita. Fiquei observando minha mãe esfregar as mãos e concordar com absolutamente tudo que minha ex-sogra falava — e a coisa toda me deixou mordida.

Além disso, a mãe de Jiang Chen pediu para ficar mais um pouco, porque queria conversar a sós comigo. Ela me entregou umas folhas, pediu para lê-las com atenção e disse que, se eu concordasse, era para assiná-las. Era um acordo pré-nupcial, cujas cláusulas diziam basicamente que eu não estava me casando com Jiang Chen por conta do dinheiro e que, se viéssemos a nos separar futuramente, eu não poderia ficar com nada do patrimônio da família Jiang.

Naquele momento, fiquei me questionando, sem entender muito bem: o pai de Jiang Chen não era só prefeito de uma cidadezinha? A família tinha tanto dinheiro assim? Para que aquele drama todo, que nem novela? Só muito tempo depois é que entendi: eu era muito ingênua.

A essa altura, eu já não me lembro do que pensei na época. Talvez em algo bonito e pomposo, como amor, orgulho, essas coisas. Só sei que não consegui decidir se assinava ou não o contrato, e fui perguntar para meu pai. Hoje posso dizer que aquilo foi um erro catastrófico.

Meu ex-sogro era superior, mas não imediato, do meu pai. No dia a dia do trabalho, meu pai sempre se sentiu aborrecido por ser oprimido pelos chefes. Para ele, não dava para engolir o fato de a própria família ter sido humilhada pela família de um superior. Assim, meu pai me falou que cortaria relação comigo se eu assinasse aquele contrato. Então eu fiz outra coisa estúpida: dei os papéis para Jiang Chen e lhe pedi para devolvê-los à mãe. Furiosíssimo, ele foi tirar satisfação com a própria mãe em casa. Depois, minha ex-sogra me ligou e, só para resumir, ameaçou se matar em nossa cerimônia de casamento se nós realmente ousássemos nos unir. Na época, eu era inexperiente e logo fiquei bastante intimidada com aquelas palavras. Não consegui nem pensar em qualquer solução, como, por exemplo, não fazer festa nenhuma para ela não ter lugar onde se matar.

Após esse episódio, o assunto do casamento não foi para a frente. Depois, por algum motivo, comecei a discutir bastante com Jiang Chen e a fazer birra por qualquer picuinha. Aquilo provavelmente tinha acontecido porque ambos começamos a ficar cada vez mais atarefados no trabalho: no meu caso, meu gerente estava sempre brigando comigo, e, no caso dele, as aulas e os estágios tomavam todo o seu tempo. E mais: talvez eu já tivesse ficado rancorosa por causa de tudo aquilo. Eu testava nosso amor desafiando a paciência de Jiang Chen.

Quando falei para nos separarmos, Jiang Chen ficou muito tempo calado para então, no fim, responder:

— Que você não se arrependa.

Em seguida, fechou a porta com força e se foi.

*

Eu achava que para que duas pessoas apaixonadas se separassem era necessário, pelo menos, algo marcante ter acontecido, tal como a intromissão de alguém no relacionamento, a descoberta repentina de que eu era filha bastarda do pai de Jiang Chen, um de nós ter recebido o diagnóstico de uma doença terminal, esse tipo de coisa. Nada disso foi necessário — bastaram a insegurança, a sobrecarga e o cansaço.

Nós nos separamos assim, pronto, e achei curioso. Em um instante, duas pessoas que haviam jurado passar a vida inteira uma ao lado da outra se tornaram completos desconhecidos. Por muito tempo, eu me perguntava se alguém não tinha por acaso apertado o botão de avanço rápido na nossa história, de modo que eu tivesse perdido episódios cruciais que levaram ao nosso término.

*

Meu pai ficou bem feliz com o fim do namoro. Talvez ele tenha entendido que aquilo foi uma vitória sobre seus superiores. Mas, depois, o fato de eu não ter conseguido encontrar nenhum outro namorado o fez sentir que às vezes o fruto do sucesso nem sempre era doce.

Por isso, achava que meu pai devia estar sentindo uma mistura de emoções ao encarar Jiang Chen novamente. Por um lado, ele gostaria muito que alguém ficasse comigo; por outro, achava que qualquer coisa era melhor do que me entregar para Jiang Chen. Meu pai devia estar tão atormentado quanto aqueles capitalistas do período da Grande Depressão sobre quem líamos nos livros didáticos, que preferiram despejar leite no rio a doar para os pobres.

Eu não disse para meu pai que Jiang Chen na verdade nem sequer pensou em voltar comigo.



Capítulo II

Meu pai foi fazer a cirurgia logo cedo na manhã seguinte. Jiang Chen havia indicado uma médica bonita e madura de sobrenome Su. Ao lado de Jiang Chen, formavam um par perfeito.

No começo, minha mãe desconfiou muito da dra. Su, porque na cabeça dela mulheres bonitas normalmente não servem para nada. Por causa dessa mania, por muito tempo eu achei que minha mãe me considerava uma mulher bonita.

A dra. Su nos contou que certa vez ela havia espancado tanto um bandido que o ombro do sujeito tinha se deslocado e ela mesma o colocara de volta no lugar. De imediato, nós duas demonstramos total confiança quanto às habilidades médicas da dra. Su.

Jiang Chen nos fez companhia do lado de fora da sala de cirurgia, enquanto minha mãe segurava e apertava com toda a força do mundo a minha mão e eu a acalmava, esfregando as costas da dela.

Depois de uns dez minutos, minha mãe começou a deixar sua ansiedade de lado e ficou olhando de mim para Jiang Chen.

— Olha só — ela sorriu com ternura —, quando você namorava a Xiaoxi, não tivemos oportunidade de bater um papo. Veja agora essa situação... — Ela deu uma parada e suspirou profundamente. — Como o destino brinca com a gente, né...

Naquela hora, eu fiquei praticamente petrificada e quis me esconder num buraco.

Jiang Chen riu.

— Eu era infantil na época e não soube valorizá-la — respondeu.

Não consegui aguentar aquilo e olhei de relance para Jiang Chen. *Que resposta mais diplomática*, pensei.

Minha mãe também riu e retrucou:

— Que nada, ela é que não teve sorte.

Entre o vai e vem dessa hipocrisia, o tempo voou rapidamente; ou a cirurgia não era assim tão complicada, ou então a dra. Su era realmente uma grande cirurgiã, enfim: a luz da sala de cirurgia se apagou e a médica saiu, de máscara.

De repente, minha mãe segurou meu braço de novo e suas unhas me apertaram tanto que eu quis muito soltar uns palavrões. A dra. Su tirou a máscara lentamente e anunciou, com um sorriso no rosto:

— A cirurgia foi um sucesso.

Minha mãe me soltou e deu um pulo em direção à dra. Su, como quem quisesse abraçá-la e beijá-la. Ainda bem que ela só segurou as mãos da médica, dando tapinhas nelas sem parar.

— Muito obrigada, muito obrigada!

Enquanto eu estava totalmente imersa naquela alegria, Jiang Chen, a meu lado, me deu uma pequena cotovelada e cochichou no meu ouvido:

— Se você não separar sua mãe da dra. Su, as mãos da minha colega vão para o saco.

De fato, quando eu olhei, o dorso das mãos da dra. Su já estava bem vermelho. Minha mãe tinha acompanhado nos últimos tempos um programa de televisão no qual ela aprendia a técnica de terapia por batidas com um médico ancião especializado em medicina tradicional chinesa. Estava tão boa que certa vez conseguiu amassar o alho na tábua com a mão, por não ter encontrado uma faca.

Avancei imediatamente e puxei minha mãe para trás.

— Mãe, melhor ir ver o pai logo.

Ela se desvencilhou de mim.

— Pra quê? — reclamou. — Seu pai nem acordou da anestesia. Eu preciso expressar meu profundo agradecimento à dra. Su!

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um amor lindo demais"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).